

Pierre Hadot e Marco Aurélio: da leitura à atualização

Pierre Hadot and Marcus Aurelius: from reading to actualization

Pierre Hadot e Marco Aurelio: de la lectura a la actualización

Davi Nilo de Jesus¹

Josemar de Campos Maciel²

João Alberto Mendonça Silva³

Márcio Bogaz Trevizan⁴

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e em Letras Português/Inglês pela Universidade Anhanguera (Uniderp). Atualmente é acadêmico de Teologia na UCDB e professor de Língua Portuguesa na Escola Municipal Professor Eduardo Pereira Calado. E-mail: davi.betel@gmail.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5488-9456>

² Graduado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso (FUCMAT) e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), de Roma. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e em Teologia Sistemática pela PUG. Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Atualmente é professor na UCDB: mes-trado em Desenvolvimento Local. E-mail: maciel50334@yahoo.com.br, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8277-9422>

³ Doutorando e mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Graduado em Filosofia pela UCDB. E-mail: 3837@ucdb.br, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3167-9469>

⁴ Doutor em Filosofia pela Universidad Católica Argentina (UCA). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Especialista em Teologia pela UNIFAI (Centro Universitário de Adamantina) e em Educação à Distância pela Faculdade Alfa América. Graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana, em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), e em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Atualmente, é professor de Filosofia e Teologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: trevizan.marciob@gmail.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6839-788X>

Resumo: O texto que segue é uma exploração dos escritos de Pierre Hadot sobre Marco Aurélio, sobretudo os Diários, objetivando delinear os temas mais salientes acerca de vivências complexas para os seres humanos, mostrando como os dois autores as relacionam. O trabalho persegue a metodologia do ensaio documental. A experiência de diário de campo surge como uma perspectiva para apresentar a percepção do cotidiano e seus pequenos desafios como o berço das perguntas filosóficas. Na tessitura do texto, aparece Marco Aurélio como personagem que atravessa o pessimismo e o otimismo com os hinos à beleza da natureza, mediando as suas reflexões com intuições e princípios estoicos. Apresentamos, assim, a reflexão como uma modalidade da liberdade daquele que já alcançou a indiferença, entendida na perspectiva estoica como a superação das alterações históricas com a indeterminação, para além das mutações situacionais que não esperava viver. De fato, o filósofo autônomo vive as mutações e se realiza sem deixar-se apreender pela prisão da vontade, mas experimenta e comunica a simetria entre as experiências que se oferecem e sucedem, qualificando a vida humana do início ao fim. Esta proposta coloca-se diante da possibilidade de abraçar a transitoriedade, cultivando o bem viver e o cuidado de si, num mundo que parece esquecido do valor da pessoa humana.

Palavras-chave: diário de campo; subjetividade; Filosofia como modo de vida.

Abstract: The text that follows is an exploration of Pierre Hadot's writings on Marcus Aurelius, especially the Diaries, in order to delineate the prevailing themes about experiences that appear as complex for human beings, showing how the two authors relate them. The paper pursues the methodology of the documentary essay. Sharing with the authors the experience of the field diary, we note as a proposal to present the perception of everyday life and its small challenges as the cradle of true philosophical questions. In the making of the text, Marcus Aurelius appears as a character who intersects pessimism and optimism with the hymns to the beauty of nature, mediating his reflections with Stoic intuitions and principles. We thus present reflection as a modality of the freedom of that (ideal) individual who is already indifferent, no longer affected by the situational mutations that he did not expect to live. In fact, the autonomous philosopher lives the mutations and is realized without letting himself be kidnapped by the flux of disordered will. Instead, he experiences and communicates a kind of symmetry between the experiences that offer themselves and pass by, qualifying human life from beginning to end. This proposal poses the possibility of embracing transience, cultivating good living, and caring for oneself, in a world that seems to be on the way to forget the value of the human person.

Keywords: field diary; subjectivity; Philosophy as way of life.

Resumen: El texto que sigue es una exploración de los escritos de Pierre Hadot sobre Marco Aurelio, sobre todo los Diarios, objetivando delinear los temas más salientes acerca de vivencias complejas para los seres humanos, mostrando cómo los dos autores las relacionan. El trabajo persigue la metodología del ensayo documental. La experiencia de diario de campo surge como una propuesta de presentar la percepción de lo cotidiano y sus pequeños desafíos como la cuna de las preguntas filosóficas. En la tesitura del texto, aparece Marco Aurelio como personaje que atraviesa el pesimismo y el optimismo con los himnos a la belleza de la naturaleza, mediando sus reflexiones con intuiciones y principios estoicos. Presentamos, así, la reflexividad como modalidad de la libertad de aquel que ya esté indiferente y no se deja más afectar por las mutaciones situacionales que no esperaba vivir. De hecho, el filósofo autónomo vive las mutaciones y se realiza sin dejarse secuestrar por la agitación de la voluntad, pero experimenta y comunica la simetría entre las experiencias que se ofrecen y suceden, calificando la vida humana de principio a fin. Esta propuesta se plantea ante la posibilidad de abrazar la transitoriedad, cultivando el bien vivir y el cuidado de sí, en un mundo que parece olvidar el valor de la persona humana.

Palabras clave: diario de campo; subjetividad; Filosofía como modo de vida.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo iniciou-se como um esforço de apropriação de ferramentas filosóficas e sua contribuição para a vida, com questionamentos de como viver bem e quais as maneiras de viver para além das inquietações cotidianas. A partir de leituras realizadas sobre os filósofos Pierre Hadot e Marco Aurélio, foi produzido um diário de campo, no qual anotamos as ideias e perspectivas que consideramos mais relevantes das discussões realizadas por eles sobre a maneira de viver. Essas anotações possibilitaram a discussão e construção do presente texto.

A textura do trabalho apareceu mediante a resposta ao desafio de aliar as experiências de escrita “científica” com a criação de ferramentas reflexivas de construção de um campo de pesquisa, tecendo uma primeira teia entre as preocupações do caminho de apropriação da escrita filosófica e as preocupações de outros seres humanos em seu ambiente naturalístico, sem abstrações e sem perder a experiência de vista em nenhum momento sequer.

Essa é uma proposta de resgatar a temática do uso de diários nos quais registram pensamentos, indagações, opiniões e considerações pessoais, visto que são um importante instrumento de pesquisa, muitas vezes, renegado como forma de pesquisa científica. Para muitos cientistas, o diário é a matriz da construção da experiência e o berço dos *insights*. Isso vale para inúmeros cientistas e filósofos, tais como Ribeiro (1996, p. 86), que afirma: “Não procure aqui teorizações. Este é o material de que elas são feitas”. O diário de campo foi a base de seus escritos para alavancar grandes obras, pois nesse espaço eles puderam escrever os pormenores de suas pesquisas para, posteriormente, reduzi-las com ideias mais compactadas e lógicas. Por exemplo: Lichtenberg, Nietzsche e Susan Sonntag, cujos diários foram admirados por inteiras gerações e poucos estudados.

Aprender a escrita pode ser o caminho de estabelecer relações entre mestre e discípulo, com a construção de ritmos de observação e de escrita. Aprender com grandes mestres, aprender fazendo e discutir tipos diferentes de elaboração desse rico recurso.

Para esta escrita, adotamos Pierre Hadot, que comenta a obra *Meditações*, de Marco Aurélio. Desta forma, realizaremos uma leitura

aprofundada sobre a obra de Hadot e, a partir de um diário de bordo utilizado para registrar as ideias que consideramos mais relevantes, faremos neste texto uma reflexão sobre a “maneira de viver” vista por Hadot em Marco Aurélio. Este método de pesquisa científica reflexiva é uma modalidade de investigação sistemática que incorpora a subjetividade de quem pesquisa por ser relevante para ampliar, esclarecer ou melhor focalizar o assunto ou seus desdobramentos.

Amparados com esse recurso, acessamos a leitura para captar, em Hadot, a escrita de diário de campo e como Marco Aurélio a fez. O trabalho não se restringe a eles, entretanto se constrói em diálogos a partir do exercício de escrita do diário de campo, que acompanhou um dos pesquisadores deste texto durante a trajetória de seis meses em seu trabalho de iniciação científica.

A reflexividade é um fenômeno que pode ser investigado e que pode contribuir com uma investigação empírica, disparada por questionamentos iniciais, que formam uma espécie de base heurística, ou seja, geradora de categorias para o desenvolvimento de todo o trabalho, descortinando a perspectiva de se encontrar um campo de surpresa ontológica no estudo da vida e da experiência humana, como em *Reflecting on reflexivity*, de Evens (2016), enucleando com maior clareza os relevos e ritmos de algum tipo de experiência que se tem, ou a que se é “simpático”, mas que é difícil de ver ou delimitar toda a clareza, segundo Maciel (2004).

O questionamento científico encontra-se nas inflexões do trabalho de investigação, com a proposta de melhorar sua concordância com a realidade encontrada, pelo motivo de mostrar sua complexidade que está apenas ao alcance de um olhar atento, não generalizado e não estatístico, por ser direcionado ao encontro da singularidade do fenômeno complexo. Assim sendo, um trabalho heurístico elabora reflexões que a comunidade científica pode considerar para melhorar a qualidade das suas teorias de interpretações sobre o mundo.

Este trabalho explora a construção da escritura a partir de elaborações de um diário de campo – em que o “campo” são os arredores da experiência do escritor do diário e das trocas com os coautores. Essa experiência é alargada a partir do contato com dois mestres desse estilo de construção ao longo da história da construção do Ocidente: o imperador Marco Aurélio e

o estudioso Pierre Hadot. O mais interessante é que grande parte do acesso que hoje se pode reivindicar sobre a profundidade de Marco Aurélio nos chegou justamente por meio dos escritos de Pierre Hadot, que o traduziu e comentou em várias obras. A seguir, detalhamos algo dessa singular relação concêntrica.

2 NOTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Marco Aurélio foi um homem de ação, um político reconhecido como sábio por seus contemporâneos. Pierre Hadot, por sua vez, é um filósofo pouco conhecido pela academia, visto seu recente falecimento (2010) mas essa mesma academia acessa suas traduções sobre os filósofos neoplatônicos e estoicos, e os compreende nos comentários de Pierre Hadot. Sua trajetória, influências e produções deixadas como herança se fazem necessárias e importantes nos dias atuais. Desta forma, consideramo-nos como posteridade ativa, e não meros leitores de textos mortos. Tentamos desenvolver uma pequena conversação, mais que um ensaio exegético ou algo que o valha, e isso será mostrado no desdobramento do trabalho.

Estudando Pierre Hadot, uma marca sua salta aos olhos: mesmo sendo ele o homem que abriu o acesso da filosofia francesa a Wittgenstein, mesmo tendo sido ele interlocutor importante de pessoas como Michel Foucault, Paul Ricoeur e outros, a sua proposta não é a de pensar a filosofia como discurso, lógica ou sistema, mas como modo de vida. Hadot, desde o princípio dos seus estudos, aprofundou-se nos antigos filósofos para encontrar modos de ser e de agir, colocando as bases de um pensamento instigante (HADOT, 2016).

2.1 A vida de Pierre Hadot e sua maneira de viver

Pierre Hadot nasceu em 21 de fevereiro de 1922, em Paris, no rescaldo da Primeira Grande Guerra, em berço católico, e ali recebeu a sua primeira educação. Por vontade da mãe, obrigou-se a ser sacerdote, recebendo as sagradas ordens com apenas 22 anos, em 1944 (HADOT, 2016). Deixou o ministério em 1952. Isso aconteceu, segundo ele mesmo, por inconformidade com algumas questões eclesiais – por exemplo, a condenação

do evolucionismo, com a encíclica *Humani Generis* e a proclamação do dogma da imaculada – e por um problema sentimental. Estava apaixonado havia alguns anos por uma senhora que veio a ser sua esposa e parceira de muitas obras.

Seu profundo interesse pela espiritualidade conduziu-o ao estudo de Plotino, o filósofo e místico do século V. Sobre ele, Hadot escreveu e meditou, detendo-se diante da impossibilidade de viver os ideais apresentados pelo universo do neoplatonismo. Estudou os filósofos da antiguidade e os contemporâneos, com destaque para Ludwig Wittgenstein – cuja introdução na França devemos a ele. Ao lê-lo, Hadot entendeu que os antigos, mais que conceitos, proporcionavam aos seus estudantes e ouvintes uma forma de vida. É ainda um homem multifacetado, pois trabalhou desde a Filosofia Antiga, a Idade Média, a Modernidade e os contemporâneos; há escritos e comentários de Hadot desde Plotino a Marco Aurélio e Michelet; de Goethe a Wittgenstein (HADOT, 2014a).

Hadot faleceu na noite de 24 de abril de 2010, deixando o legado de quem viveu além do discurso, uma tradição nas humanidades que entende a filosofia como uma maneira de viver muito além das restrições disciplinares e epistemológicas das academias. A lusofonia tem acordado para algumas das suas obras, traduzindo seus escritos sobre os “Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga” (HADOT, 2014a); “Wittgenstein e os Limites da Linguagem” (HADOT, 2014b); “A Filosofia como Maneira de Viver” (HADOT, 2016); e “O que é a Filosofia Antiga” (HADOT, 2014c). Um de seus grandes temas foi o modo de viver a partir de Marco Aurélio, o rei-filósofo.

2.2 Marco Aurélio, sua vida e sua maneira de viver

Marco Aurélio era de família rica e de origem hispânica. Nascido em 26 de abril do ano de 121 d.C., seu pai era um nobre e o avô havia sido cônsul três vezes. Tendo perdido os familiares ainda pequeno, foi adotado pelo imperador Adriano, o que lhe abriu as portas para uma vida de excelentes chances de formação. Desde a juventude, entregou-se aos estudos, concentrado na retórica e filosofia. Aos onze anos, conheceu o estoicismo, escola filosófica que mais tarde terminou adotando como sua. Após a morte do

imperador Adriano, Marco Aurélio ficou sob a tutela do imperador Antonino Pio, também filho adotivo de Adriano. Marco Aurélio casou-se com Faustina, filha de Antonino (TEIXEIRA; BRANDÃO; RODRIGUES, 2011).

No ano de 161 d.C., Marco Aurélio subiu ao “trono” romano, tornando-se imperador, e mesmo com a desaprovação do senado, quis governar junto a Lucio Vero, outro filho adotivo de Antonino. Durante seu tempo como imperador, contribuiu com a implantação da *Pax Romana*, modo de produzir uma condução sistêmica das instituições da república que até hoje é objeto de estudo nas faculdades de Direito (GRIMAL, 2018).

Entre os diversos feitos de Marco Aurélio, destaca-se sua atuação como filósofo pertencente à Escola Estoica. Hadot (2016) observa, e os inúmeros leitores têm verificado ao longo dos séculos, que a obra deixada por Marco Aurélio é acessível e profunda. Formada por frases curtas, de caráter ético e moral, ela se destina ao próprio escritor ou a algum personagem fictício. Assim, ele inaugura uma forma singular de escrita reflexiva, que, por ser muito particular, ressoa entre as gerações como uma obra crítica, formativa e universal. Depois de Marco Aurélio, os estoicos romanos não tiveram nenhum outro grande expoente de sua filosofia (DODDS, 1993).

3 INICIAÇÃO CIENTÍFICA E DIÁRIO DE CAMPO

Debruçamo-nos sobre os escritos de Marco Aurélio e sobre os comentários de Hadot. A ressonância foi imediata, pois os contextos abordados prestam-se a uma provocação existencial constante, ao mesmo tempo confortável, pela lisura do estilo, e provocadora, pela intensidade dos questionamentos. A entrada no assunto é direta. Como se trata de um diário, Marco Aurélio não faz rodeios para escrever sobre seus dilemas e vivências. O tema não pode ser mais simples, tangenciando o crescimento pessoal e a conquista de uma maior densidade de aderência à coerência existencial que for possível.

Na primeira vez que o acadêmico, primeiro autor deste texto, toma contato com a história da filosofia antiga, em sua formação de bacharelado, uma surpresa lhe aguarda: Pierre Hadot, comentando as correntes filosóficas pós-aristotélicas, possui uma obra fundamental, que versa sobre

Exercícios Espirituais (HADOT, 2014a) e é apresentada nas primeiras aulas do curso. O entusiasmo do estudante pode evocar a ressonância de outros exercícios, como os de Santo Inácio¹, por exemplo. Mas aquelas pessoas sem uma religião que as guie encontram também nessa e em outras referências a provocação para enfrentar a densidade dos próprios atravessamentos com a realidade, e a busca do conhecimento como um bálsamo que tem a propriedade de educar e de remediar as angústias lidas na gramática de Marco Aurélio, como confusão quanto àquilo que é ou não possível de se controlar, nos limites de cada sujeito (FRASCHETTI, 2015).

Hadot cita os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola (1990), afirmando que parte das suas origens está na Grécia antiga, uma vez que a proposta de entendimento da filosofia é a formação de um espírito crítico e pacificado. Disto tratam os exercícios de ascetismo espiritual e de melhora de si mesmo. As práticas de exercícios espirituais de ascese são um recurso importante para a academia e também para as profissões mais ligadas ao trato específico da saúde – trazemos a recuperação do fato estabelecido historicamente de que o Ocidente nasceu ao redor de espaços, como o foro público, a academia e o “ginásio”, que eram entendidos como espaços de convivência, produção de saúde e de lucidez, alívio diante das crises e, enfim, de um modelo de vida humana decente e digno de ser vivido. Mas é preciso relacionarmos os exercícios espirituais com suas técnicas propriamente filosóficas. A primeira delas, ou ao menos a mais destacada, é a do diário, esse espaço construído nas entrelinhas da atividade de imperador, em que Marco Aurélio escreve para si mesmo, como que para manter um mínimo de controle do fio da sua vida, dispersa entre inúmeras atividades e realizações.

Os temas de Hadot (2014a), como Exercícios Espirituais e sua investigação sobre Marco Aurélio, referem-se a uma investigação que pode ser mais ou menos sistemática, mas que precisa ser pessoal, da busca do bem viver e da maneira como cada pessoa entende a vida e suas tramas. Para um Imperador Filósofo existe uma importância na forma como essas

¹ Está citada no texto e referendada no final a obra “Exercícios Espirituais”, de Santo Inácio de Loyola.

tramas foram elaboradas, talvez tão grande quanto os conteúdos propriamente desenvolvidos. A trama que encontramos num diário de campo é o registro das negociações de quem o foi tecendo; assim sendo, é diário, pois foi tecido dia após dia – ou ao menos segue o ritmo das percepções enquanto elas se dão, no fluxo da temporalidade mais imediata. Desta forma, os relatos que são apresentados têm a ousadia de entrelaçarem-se nas dinâmicas de construção do cotidiano. A tessitura deste espelha e aperfeiçoa esses fluxos.

Quando Hadot comenta Marco Aurélio, ressalta também a sua atitude diante das diversas áreas do conhecimento, sobretudo ante o que se chamava então de física, que compunha as complexas tentativas de se haver com o ambiente. Em *Meditações*, de Marco Aurélio (2002), encontramos suas descrições, a partir de profundadas reflexões de cada situação da vida, para que, “desnudada”, a vida possa de fato oferecer sua verdadeira natureza. Encontrar-se-á em *Meditações*, em diversos momentos, amargura, desgosto, náusea. Essa nudez proposta por Marco Aurélio e descrita por Hadot como pessimismo está para revelar-se cuidado e bondade para com a humanidade (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 90). Aprofundar-se nas reflexões faz com que o homem perceba a si mesmo e suas atitudes, desde as meritórias àquelas depreciativas, sem ilusão. Efemeridade e banalidade humanas são, assim, a comédia da vida, que refletem sobre a brevidade da vida humana, ora muco, ora cinza e esqueleto (HADOT, 2014a).

Efemeridade, banalidade e brevidade que podem ser iluminadas ao mesmo tempo que iluminam o surgimento das ciências humanas, ou ciências do espírito. A tentativa de especificar o estudo dos fenômenos irreduzíveis às métricas oferece a ideia de encontro entre sujeitos, lá onde acontece o sentir-com, compadecer (DILTHEY, 1999). A compreensão aparece, então, como possível, apenas a partir de uma espécie de experiência pessoal transformada em critério para iluminar situações semelhantes, não no sentido de replicá-las, mas aprofundando-se no contato com as suas fontes, normalmente subjetivas. Para Dilthey (1999), um exemplo de compreensão é o luto, que se manifesta na formulação clássica, segundo a qual seria possível compreender alguém que sofre um pesar apenas à medida que as próprias perdas iluminam a empatia e a identificação análoga com a situação alheia.

No contexto de nossa discussão, a primeira negociação acontece com este “consigo mesmo” que escreve e que se desdobra aos poucos no registro da experiência. “Como um homem pode estar contente consigo mesmo quando se arrepende de quase tudo que faz? Os homens existem uns para os outros. Portanto, melhora-os ou suporta-os” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 95).

Admitir a “misericórdia” como enfrentamento de fraqueza e miséria pessoal (FRANCISCO, 2015) é uma maneira de encontrar os detalhes de Marco Aurélio nas realidades cotidianas de admitir “vã, nua e descabida toda grandeza humana” (HADOT, 2014a, p. 141). A possibilidade de afastar-se de sentimentos e visões desprovidas de densidade implica uma espécie de terapia da alma, causando uma reforma das ideias e dos costumes, tão caros à filosofia estoica, mas também próximos à percepção de que acontece uma ordenação das capacidades humanas, no sentido do alinhamento que as preserva da corrosão e da dissolução. “Não te digas nada além do que as primeiras representações te fazem conhecer do objeto. Por exemplo, te contam que um determinado homem te calunia. Isso é o que te contam. Mas isto: ‘isso é um dano para mim’ não te é contado” (MARCO AURÉLIO *apud* HADOT 2014a, p. 141).

Qualquer juízo de valor além do juízo da existência pode perturbar o homem, e isto é um mal desnecessário, pois, segundo Marco Aurélio e os estoicos, o homem não precisaria sofrer, atendo-se tão somente à natureza, dando a cada coisa “objeto” seu valor natural. Assim, não se surpreenderia tão facilmente, nem com a maldade, nem com a bondade, beleza ou feiura presentes no mundo (MARCO AURÉLIO, 2002). É a *Eudaimonia* – o alinhamento possível que constitui a felicidade como bem comum, proposta desde Aristóteles (1979, p. 249).

Conforme Hadot (2014a), Marco Aurélio faz ressoar o aforismo da tradição semítica do livro do Eclesiastes, ao relativizar e pregar a superação das “ vaidades”. Marco Aurélio não se limita às críticas a quem se quer engrandecer, sem notar que em breve tudo será esquecido. Talvez aí haja uma janela para se perceber um traço de crise de identidade do famoso imperador. “Em breve tu terás tudo esquecido, em breve todos terão te esquecido, assim todas as coisas humanas são apenas fumaça e nada” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 113).

Outros pesquisadores propuseram um esboço de diagnóstico psicológico de *Meditações*, atribuindo a Marco Aurélio alguns traços patológicos. Ele seria, segundo alguns, um ulceroso querendo persuadir-se com justificativas para sanar suas dúvidas, apresentando ilegitimamente o imperador com reflexões desiludidas sobre as coisas humanas.

Hadot (2016) esclarece que não são esses os modos que nos farão compreender *Meditações*, mas reconhecer o seu gênero literário *hupomnēmata*, palavra grega que designa anotações que alguém faz a si mesmo, daí o caráter desconexo de um diário, com suas tramas vivenciais ajudando, de modo geral, para a construção de uma reflexão sobre o curso e o sentido da existência. Como diário e caminho de transformação, assim deve ser compreendida a obra *Meditações*, pois o ensino da filosofia como direção espiritual e transformação da alma do discípulo era o intuito do ensino e viver filosófico da época, e isso vai ser absorvido pela educação e pelas ciências do comportamento e da direção espiritual.

Meditações, de Marco Aurélio (2002), como sugere o seu título em grego *Eis Heauton* (literalmente, *Para Si Mesmo*), é exercício de escrita sobre si mesmo, para guardar, memorizar, ter em si as concepções e observações que são importantes. Ainda segundo Hadot (2014a, p. 135), *Meditações* são trechos do sistema estoico que Marco Aurélio repete para si mesmo; a isso, acrescentam-se outros exercícios espirituais tradicionais, como o exame de consciência e a premeditação do mal para não ser surpreendido.

Nesse contexto, percebe-se que as meditações (MARCO AURÉLIO, 2002), embora pareçam pessimistas, são exercícios espirituais de rigorosas práticas realizadas por Marco Aurélio diante de sua função de imperador (HADOT, 2014a). A tensão gerada pela obrigação de atender a diversas necessidades atenua-se com o exercício sustentado de reflexão, para iluminar os contextos de decisão com esforços sucessivos de sedimentação de critérios e de construção de uma opinião mais clara e mais disposta a enfrentar as vicissitudes, talvez pelo mesmo motivo (GRIMAL, 2018; FRASCHETTI, 2015).

O cristianismo nutriu-se das experiências com os chamados exercícios espirituais até ao ponto de, no Ocidente, acomodar-se esse termo aos Exercícios Espirituais de Santo Inácio (LOYOLA, 1990). Mas, mesmo ultrapassando as técnicas do estoicismo e colocando a ascese em contexto

litúrgico ou comunitário, o cristianismo não deixou de entender a importância instrumental dessas ferramentas para o aperfeiçoamento pessoal. As situações cristãs/estoicas de crescimento esbarram impreterivelmente na superação pessoal diante de obstáculos (RABBOW *apud* HADOT, 2014a). No fim das contas, o grande desafio, para os diários, é aprender a distinguir aquilo que depende do controle do sujeito – e que deve ser objeto de interação – daquilo que não depende e que deve ser objeto de aceitação ou de abandono.

[...] A estas máximas acrescenta ainda uma outra. Quando um objeto se apresenta à tua percepção, arranja uma definição mental para ela, ou pelo menos traça-lhe um perfil, para lhe discernires o carácter essencial, [...] Não há nada que mais dilate o espírito do que esta capacidade de examinar metódica e rigorosamente cada uma das experiências da vida, com vista a determinar a sua classificação, os fins que serve, o seu valor para o universo, e o seu valor para os homens (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 44).

O conhecimento verdadeiro em Marco Aurélio (HADOT, 2014a) se dá pelo método da divisão dos objetos ou situações em representações exatas destes, interrogando-se sempre diante de situações e contextos, para posicionar cada objeto e, ao mesmo tempo, posicionar a própria consciência em relação ao obstáculo.

Os exercícios servem, então, como dispositivos para desnudar as coisas e situações, limpando-as de falsos atrativos, os quais podem alimentar a vaidade das pessoas que contam com elas ou se orgulham delas. Dessa maneira, é possível encontrar nos Exercícios Espirituais maneiras de discernimento para desmascarar as seduções e as ameaças de perda da autonomia mental, que assaltam o pensamento.

Hadot (2014a) comenta que o método mais importante para Marco Aurélio é a divisão dos objetos em perspectivas analisadas uma por vez, em contraposição a uma perturbadora representação global e acrítica. Analisemos, pois, o caso da morte, ele é emblemático. Se o sujeito, ao analisá-la, consegue efetuar uma divisão, é possível perceber a sua participação intrínseca em relação às dinâmicas da natureza, e que o apego do ser humano aos detalhes, e não a morte, é a fonte do seu sofrimento.

“Devíamos apreender, também, a natureza da morte; e que basta contemplá-la fixamente e dissecar as fantasias a ela mentalmente associadas, para acabarmos por pensar nela como nada mais do que um processo natural” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 37).

Uma nota detalhando as técnicas pode ser útil. Quatro dispositivos ou métodos de análise são propostos por Marco Aurélio (1977). Nas quatro questões fundamentais de análise da coisa em si, também chamadas de categorias estoicas, encontramos as seguintes perguntas: qual é o elemento material da coisa – seus componentes em sentido físico, corpóreo ou substancial? Qual é o seu elemento causal – é possível detalhar aspectos de sua gênese, de seu surgimento e a composição de sua densidade como corpo? Qual sua relação com o cosmos – de que modo essa coisa, ou fenômeno, enraíza-se ou se entretetece com outras, para aumentar a própria consistência? Qual é sua duração natural – o tempo que a coisa demora para dissolver-se inspira desconfiança ou alarme, por ser grande? (MARCO AURÉLIO *apud* HADOT, 2014a, p. 140)

Esses itinerários de interrogação são propostos para esclarecer física e cientificamente (nos limites de uma ciência pré-técnica) o objeto em análise. Hadot sugere que, para o Imperador Filósofo e seus contemporâneos, essa perspectiva de definição física compreende uma expansão que abarca também os fenômenos da consciência, pois a materialidade da existência, em seu contexto, implica também seus desdobramentos intelectuais, como uma interação ou como expansão. Aquele que utiliza o método da definição física acha tudo natural, pois está familiarizado com a natureza. Todo acontecimento é tão habitual e familiar como a rosa na primavera e o fruto no verão (HADOT, 2014a, p. 131).

Salvo algumas diferenças de épocas e escolas filosóficas, essa investigação será retomada em outras épocas e em outras grandes escolas, de Descartes a Vico e, mais adiante, até o surgimento de diversos aparatos analíticos nas humanidades. Mas aqui devemos enfatizar o esforço protoclínico de construir, pedagogicamente, o sentimento de indiferença às coisas indiferentes. Para os estoicos, virtude e vício dependiam da vontade humana e estavam sob seu auspício; o restante: vida, morte, riqueza, pobreza, prazer, dor, sofrimento, renome não dependem da vontade da pessoa.

Essas coisas que não dependem da vontade humana são indiferentes por decisão da Providência e das circunstâncias causais, pois acontecem com bons e maus, comenta Hadot (2014a).

As sentenças parecem se suceder sem ordem, ao ritmo das impressões e dos estados de alma do Imperador Filósofo. Aliás, por que buscar uma ordem em uma sequência de meditações que não tencionam se apresentar de uma maneira sistemática? Pierre Hadot, com esta investigação, apresenta uma chave das meditações de Marco Aurélio, que são os Três *Topoi* filosóficos, segundo Epiteto; cada uma das meditações de Marco Aurélio desenvolve um, dois ou mesmo três desses *topoi*, a chave de interpretação aqui, então, são as regras estoicas com primazia àquelas desenvolvidas por Epiteto. Esse esquema se desenvolve nas relações fundamentais que abrangem todo ser humano, da seguinte maneira: pode-se chamar de primeiro *topoi* aquele referente aos acontecimentos do curso da natureza universal, sua relação com o cosmos. O segundo vai em direção à relação do ser humano com seus iguais no cuidado da comunidade humana; e o terceiro é a conduta pessoal e a relação consigo mesmo, estando atento à ordem do pensar e julgar em oposição ao corpo que produz os desejos que necessitam ser refreados.

Esses argumentos ressoam um dos famosos lugares (*topoi*) filosóficos, segundo Epiteto (ARRIANO, 2012). O Imperador Filósofo é discípulo do escravo filósofo Epiteto, que cria o sistema ternário de *topoi*. O terceiro *topoi* descreve sobre o que se deve ficar indiferente: e finalmente, é necessário abster-se totalmente do desejo (*orexis*) e ignorar a aversão pelas coisas que não dependem de nós. Dessa forma, acontece para os estoicos a felicidade possível, baseada na ausência de perturbações, a *ataraxia*. A disciplina do desejo conduz, por um lado, a só desejar o que depende de nós; por outro lado, a aceitar com alegria o que não depende de nós, mas provém da ação da natureza universal, isto é, para os estoicos, do próprio Deus (HADOT, 2014a).

O tema dos exercícios espirituais de Hadot (2014a) estudando as meditações de Marco Aurélio conecta-se com os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola (1990) na busca ascética, pois ambos afirmam ser necessário construir uma atitude de indiferença para viver bem, livrando-se das tentações, distrações ou ainda incômodos impostos e/ou advindos

como resultado de decisões erradas. Sem essa indiferença, a pessoa torna-se refém dos desejos que conduzem à comodidade e ao erro. “Para os estoicos, com efeito, eram indiferentes as coisas que não eram nem boas nem más. Para eles, o único bem era a virtude, o único mal era o vício. Virtude e vício dependiam da nossa vontade” (HADOT, 2014a, p. 142).

Erra quem confunde a indiferença com uma forma de pessimismo simples. Assemelha-se muito mais a um esforço sistemático para colocar as experiências em perspectiva, sobretudo quando advindas de lugares independentes das vontades e dos julgamentos de valor do sujeito. A conquista do estado de indiferença é assimilada no estoicismo a uma espécie de liberdade, uma perspectiva lúcida em relação ao fluxo da realidade, que se torna, por sua vez, uma ferramenta para abrir ao ser humano a perspectiva do instante presente. Para Marco Aurélio, nada mais o prende, nem ele mesmo. “[...] no drama da tua vida, três atos são toda a peça. O seu ponto de perfeição é determinado por aquele que primeiro sancionou a tua criação, e hoje sanciona a tua dissolução. Nenhuma destas decisões estava dentro de ti. Continua pois o teu caminho de cara alegre, sob o sorriso daquele que te manda partir” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 131).

Inácio de Loyola apresenta também algo parecido em seus exercícios (1990). Três tipos de humildade, segundo ele, conduzem à salvação eterna. Transcrevemos o segundo: “[...] consiste em encontrarmo-nos num ponto em que não desejamos nem somos propensos a possuir a riqueza mais do que a pobreza, a querer a honra mais do que a desonra, a desejar uma vida longa mais do que uma vida curta [...]” (LOYOLA, 1990, p. 69).

Com esta pequena trajetória, apresentamos alguns pontos em que o estoicismo de Marco Aurélio, a fina sensibilidade de Pierre Hadot e a objetividade do pai de uma perspectiva missionária se encontram.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pierre Hadot (2014a) aponta Marco Aurélio como um “Rei Filósofo”, parafraseando Platão (2001). Neste caso específico, a construção do Imperador Filósofo é a formação da alma de um estadista, um agente público de grande repercussão e grande escala, que se utiliza do repertório

intelectual da filosofia, em particular do estoicismo, para explorar e não se deixar prender pelas coisas ou por si mesmo.

Marco Aurélio viveu em tempos de crise, e seus escritos não ficaram imunes a essa situação. Foi julgado como pessimista ou como um portador de transtornos de ordem psíquica ou fisiológica, das úlceras intestinais às crises de identidade. De fato, como estoico, ele se utiliza do repertório da análise racional, simples e disponível a qualquer pessoa para discernir as realidades e suas implicações, inaugurando uma forma de realismo lúcido, mas desencantado. As meditações de Marco Aurélio, com suas fórmulas pessimistas, não são a expressão de visões pessoais do imperador desiludido, mas exercícios espirituais praticados segundo métodos rigorosos, diz Hadot (2014a).

Este texto, talvez errático, dialoga com essa busca do homem e imperador. Não com o sistema – porque não existe um sistema na obra de Marco Aurélio –, mas com a sua maneira concêntrica de anotar e fazer anotar as dificuldades, encontrando algumas categorias para torná-las mais que obstáculos, ocasiões de autoconhecimento e de autoposse.

Quando Marco Aurélio passa do pessimismo à composição de hinos à beleza da natureza, utiliza a ferramenta da reflexão encarnada no estoicismo, a fim de construir uma linha de leitura para as coisas e os sentimentos (HADOT, 2014a). Contudo apresenta a liberdade daquele que já indiferente e não se deixa afetar pelas diversas situações que lhe são apresentadas, vive bem e se realiza, pois não é mais movido pelo sentimentalismo de um ou outro querer, mas pela igualdade das coisas que só tendem a fazer a vida humana acontecer do início ao fim.

Convencido da beleza e transitoriedade da vida, o texto de Marco Aurélio, ilustrado por Hadot, revela, no diário do Imperador Filósofo, a proposição de base de que a filosofia como exercício habitual da mente para o discernimento da tessitura da realidade é, mais que um discurso, um método para desenvolver uma maneira de viver. Com isso, contribui para o estabelecimento de uma série de ferramentas reflexivas de que o Ocidente dispõe para produzir saúde, cidadania e maturidade.

Devido ao curto espaço de tempo, não aprofundamos o conhecimento sobre a metodologia voltada à maneira de viver, mas é nosso enfoque

continuar o trabalho com a maneira de viver de diferentes culturas, sejam elas de povos, sejam elas de religiões, etnias ou regiões.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica – Ética a Nicômaco – Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. V. 2. (Coleção Os Pensadores).

ARRIANO, F. *O Encheirídion de Epicteto*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.

DILTHEY, W. O Surgimento da Hermenêutica (1900). *Númen*, Juiz de Fora, Vol. 2, no. 1, p. 11-32. 1999.

DODDS, E. R. *Pagani e cristiani in un'epoca di angoscia*. Firenze: La Nuova Italia, 1993.

EVENS, T.; HANDELMAN, D.; ROBERTS, C. *Reflecting on reflexivity: the human condition as an ontological surprise*. New York: Berghahn Books, 2016.

FRANCISCO, P. *Misericordiae vultus*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

FRASCHETTI, A. *Marco Aurelio: la miseria della filosofia*. Bari: Editori Laterza, 2015.

GRIMAL, P. *Marco Aurélio: o imperador filósofo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HADOT, P. *A Filosofia como maneira de viver*. São Paulo: É Realizações, 2016.

HADOT, P. *Exercícios espirituais e Filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014a.

HADOT, P. *O que é a Filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 2014c.

HADOT, P. *Wittgenstein e os limites da linguagem*. São Paulo: É Realizações, 2014b.

LOYOLA, I. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MACIEL, J. C. *A ciência psicológica em primeira pessoa: o sentido do método heurístico de Clark Moustakas para a pesquisa em psicologia*. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade de Campinas: Campinas, SP, 2004.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Luís A. P. Varela Pinto. Espinho: Penguin Books, 2002.

PLATÃO. *República*. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

RIBEIRO, D. *Diários Índios: os Urubu-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TEIXEIRA, C. A.; BRANDÃO, J. L.; RODRIGUES, N. S. *História Augusta I*. Coimbra: CECH, 2011.